

OS REFLEXOS DA PANDEMIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Vanessa Wanderléia Gabriel¹
Eliane Terezinha Tulio Ferronato²

Eixo 5 – Leitura e Escrita na EJA e na Alfabetização de crianças

Resumo: Esse trabalho discorre sobre o impacto da Pandemia do Covid-19 no que se refere às aulas remotas, principalmente de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de Maracaju-MS. Foram aplicados questionários a quatro professoras de escolas públicas e escolas privadas do município de Maracaju-MS, com o intuito de compreender sobre quais os efeitos que as aulas remotas provocaram para a Educação, sobretudo no ensino aprendizagem da alfabetização e letramento. Nessa pesquisa foi utilizada uma abordagem de cunho qualitativo, pois permite certa agilidade na investigação de seus objetos de pesquisa. Realizou-se uma análise dos dados obtidos. Os resultados detectaram que o período pandêmico trouxe graves implicações para a Educação, especialmente para a leitura e a escrita, uma vez que se considera a base do período escolar, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas privadas. Além do efeito negativo sobre o processo de leitura e escrita, foram constatadas alterações graves de comportamento e psicológicas: crianças ansiosas e com pânico de tudo, a incerteza sobre a segurança sanitária do momento que paira sobre elas, e não compreendem mais a rotina e horários das atividades escolares, além dos professores extremamente esgotados emocionalmente e fisicamente. São diversos esses efeitos das aulas remotas, haja vista que as crianças de classe social inferior e de renda básica tiveram impactos maiores sobre as crianças de classe social um pouco mais favorecida. No entanto, percebeu-se que o apoio da família é extremamente relevante, não só nesse momento, mas sempre, o trinômio família/estudante/escola é essencial para uma vida escolar de sucesso.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento; Aulas remotas; Impacto.

Introdução

Devido à nova pandemia de Coronavírus, escolas em todo o Brasil foram fechadas para proteger a saúde de alunos e funcionários. A suspensão das aulas foi uma das estratégias adotadas em todo país para evitar a disseminação da Covid-19, nos anos de 2020 e meados de 2021.

Esse período foi complexo e desafiador tanto para os professores quanto para os alunos. Com aulas à distância tiveram que aprender novas ferramentas de trabalho e utilizar outras metodologias a fim de minimizar os efeitos do “ensino” remoto, uma vez que a mediação do professor ante os conteúdos e a interação entre os alunos foi interrompida. De acordo com Saviani e Galvão (2021, p. 38), a expressão “ensino remoto” tem uma conotação pejorativa, já que:

¹ Acadêmica de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, UU de Maracaju-MS.

² Orientadora, Professora adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, UU de Maracaju-MS.

[...] as condições mínimas não foram preenchidas para a grande maioria dos alunos e também para uma parcela significativa dos professores, que, no mais das vezes, acabaram arcando com os custos e prejuízos de saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho.

Em meio à pandemia que gerou incertezas, medo e pânico, vieram também novos desafios para a educação, envolvendo gestores, professores e famílias que precisaram se adequar repentinamente às novas mudanças no cotidiano em todas as esferas, em especial o campo da Educação. A primeira recomendação emitida foi o distanciamento social, que é a forma básica de controlar o crescimento dos casos e as necessidades médicas dos hospitais e centros médicos, bem como a quarentena, gerando assim mais inquietude, pois o tempo desse isolamento depende de cada situação individualmente, considerando a gravidade de cada caso.

Perante essa reviravolta e emergência, quase não houve tempo para planejamento e discussão acerca das medidas a serem tomadas para que o ensino continuasse de forma que os alunos não sofressem ainda mais prejuízos na educação, haja vista que o sistema educacional brasileiro já comporta um grave déficit de aprendizagens. Escolas públicas e privadas, professores e administradores escolares da educação básica ao ensino superior precisaram se ajustar rapidamente em suas áreas de ensino, atividades, conteúdos, e se dedicar em tempo real a nova realidade imposta bruscamente nesse modelo de ensino à distância que repentinamente se promoveu.

Muitos professores que nem ao menos tinham o conhecimento sobre recursos tecnológicos, se depararam com um processo ainda mais complexo, pois também não havia a experiência com o ambiente virtual tampouco a qualidade de acesso a internet. Situação essa em que a grande maioria dos alunos também se encontrava, além da falta de acesso a recursos eletrônicos tecnológicos como computadores ou celulares, muitos não dispunham de internet. Saviani e Galvão (2021, p.41) explicitam que: “No ‘ensino’ remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas”.

Para os estudantes as dificuldades também foram inúmeras, principalmente para os que estavam em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Já os alunos em situação financeira mais estável o prejuízo foi reduzido.

Entretanto, além do desafio de utilizar metodologias de trabalho diferenciadas, os professores, na maioria mulheres, se depararam com uma sobrecarga de funções, pois além do acúmulo de aulas assíncronas, elaboração de atividades, correção das mesmas, muitos desses profissionais ainda tiveram que dividir sua jornada de trabalho entre os afazeres domésticos e cuidados com a família, de modo que:

Uma das mais perversas implicações geradas pelo ensino remoto é o adoecimento dos professores dada a intensificação do trabalho causando sobrecarga física e emocional, em que as percepções dos docentes apontam para um mal-estar docente em tempos de ensino remoto durante a pandemia (Ferronato; Santos, 2021, p.270).

A alfabetização, sendo um dos processos mais importantes na educação, sempre foi baseada no contato presencial entre professor e aluno em sala de aula. Entretanto, com a pandemia vieram novas medidas: uma alfabetização a distância constituída com atividades mediadas ou por tecnologia, ou por atividades impressas semanais e o diálogo com a família e aluno que nem sempre havia retorno, visto que uma parcela dos estudantes de escolas públicas não tem acesso à internet de qualidade, nem a

equipamentos eletrônicos, dificultando o vínculo de interação e aprendizagem escolar, fazendo com que essa etapa da alfabetização se torne um dos maiores desafios ante a Pandemia.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo investigar os reflexos das aulas remotas para a alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de Maracaju.

Justifica-se a escolha desse tema como finalidade compreender quais os impactos que a pandemia trouxe para a Educação, especialmente no ensino aprendizagem da alfabetização e letramento, que acrescentou novos desafios aos docentes e discentes.

Assim, pesquisar esses impactos foi relevante para compreender alguns agravantes na aprendizagem desses alunos, haja vista que é necessário um processo para aprendizagem da leitura e escrita, visando relacionar esse processo antes e durante a pandemia para identificar os desafios para a alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de Maracaju.

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que esse método permite maior flexibilidade na investigação de seus objetos de pesquisa, principalmente por considerá-los dinâmicos e singulares. Escritores como Bauer, Gaskell e Allum (2002) atribuem a pesquisa qualitativa à possibilidade de expressão espontânea, diálogo e contribuição para aspectos importantes do progresso da pesquisa.

Para alcançar o objetivo dessa pesquisa foi necessário em um primeiro momento realizar uma fundamentação teórica com bases sólidas em livros, artigos, sites e monografias concluídas, parâmetros e documentos que tange a temática em questão.

Num segundo momento foi elaborado um questionário para realização de uma entrevista com quatro professoras alfabetizadoras de escolas públicas e privadas de Maracaju-MS, a fim de obter dados necessários para o desenvolvimento desta pesquisa. Importante ressaltar que foram tomadas todas as medidas de segurança sanitária para execução desta entrevista.

Alfabetização: um breve contexto histórico

A alfabetização é uma das etapas básicas da vida de uma pessoa, pois a partir do momento que a pessoa aprende a decifrar o código da letra, principalmente a entendê-la para que possa explicar o que está lendo, ela passa a ser sujeito de sua própria história pela representação gráfica do mundo e através da escrita. Entretanto, a Alfabetização e os códigos de escritas passaram por um longo processo, em um dado momento na história, nem todos tinham acesso, era saberes que somente os mais poderosos aprenderiam;

[...] saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social. A leitura e a escrita — que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) — tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados. Caracterizando-se como tecnicamente ensináveis, as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados (Mortatti, 2006, não paginado).

No Brasil, a história da alfabetização está intimamente ligada aos métodos de ensino, principalmente a partir do final do século XIX. Isso, sem dúvida, deu origem a múltiplas teorias para o mesmo problema: a dificuldade de as crianças aprenderem a ler e escrever, principalmente nas escolas públicas.

Na história dos métodos temos dois marcos fundamentais: aqueles métodos que elegem subunidades da língua e que focalizam aspectos relacionados às correspondências fonográficas, ou seja, o eixo da decifração e os métodos que priorizam a compreensão. Ambos têm como conteúdo o ensino da escrita, mas diferem em pelo menos dois aspectos: a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos; b) quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam (Frade, 2007, p. 22).

Conforme o autor explicita o método sintético “compreende o método alfabético tomando como unidade a letra; o método fônico que toma como unidade o fonema e o método silábico que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba.”, em consonância com Frade (2007, p. 26) há ainda o método analítico que “[...] partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil”.

Enfim, enquanto o método sintético fomentava a análise das partes para o todo, o método analítico se opunha, estimulando a realização de uma análise do todo para as partes.

Alfabetização na contextualização do letramento

É após os anos de 1980, que surge a teoria da Psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro³ e a palavra letramento⁴ enfatizando novas mudanças na forma de compreender o processo de alfabetização. Um dos focos contemporâneos sobre tais processos é o letramento, um conceito criado para se referir ao uso da linguagem oral e escrita. Todavia, corremos o risco de confundir esse processo com o de alfabetização, mas algumas abordagens teóricas apontam que alfabetização e letramento são totalmente diferentes, entretanto se completam e precisam perpassar por um mesmo caminho perante a educação.

O processo que Soares (2003) chama de “reinvenção da alfabetização”, onde o corpo docente toma consciência de que o acesso ao mundo da escrita é em grande parte responsabilidade da escola, e é nessa ótica que possui a necessidade de entender a alfabetização como um conhecimento bem mais complexo do que o sistema de escrita de forma memorizada, pois, com a consciência do letramento, cabe trabalhar as múltiplas possibilidades de uso da leitura e escrita na sociedade. Assim, as práticas de

³Emília Beatriz Maria Ferreiro Schiavi (1937 -2023) é natural da cidade de Buenos Aires, Argentina. Formou-se em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Trabalhou como pesquisadora-assistente de Jean Piaget (1896-1980) na Universidade de Genebra-Suíça. Sua teoria constatou que os discentes para aprenderem a ler e a escrever enfrentam quatro fases, denominadas pelas autoras de: pré-silábico; silábico; silábico-alfabético e alfabético. Perceberam que a transferência de uma fase para a outra ocorre por meio de diversos conflitos desenvolvidos internamente nos sujeitos e provocados pelo contato com os escritos de um adulto ou de outra criança (Ferreiro; Teberosky, 1985, p.27).

⁴É em meados da década de 1980 que aparece, pela primeira vez, a palavra Letramento no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986, para explicar que a língua falada culta é consequência do Letramento.

alfabetização podem e devem ser trabalhadas de forma que se promova a alfabetização juntamente com a perspectiva do letramento, conciliando o sistema de escrita e leitura e seu uso social.

Metodologia

Para alcançar o objetivo dessa pesquisa foi necessário em um primeiro momento realizar uma fundamentação teórica com bases sólidas em livros, artigos, sites e monografias concluídas, parâmetros e documentos que tangem a temática em questão.

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que esse método permite maior flexibilidade na investigação de seus objetos de pesquisa, principalmente por considerá-los dinâmicos e singulares. Escritores como Bauer; Gaskell; Allum (2002) atribuem a pesquisa qualitativa à possibilidade de expressão espontânea, diálogo e contribuição para aspectos importantes do progresso da pesquisa.

A coleta de dados foi através de entrevistas, a fim de obter as informações necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa. Para as entrevistas acontecerem, em um primeiro momento elaboramos um questionário com o intuito de mediar o diálogo com perguntas relevantes ao tema e objetivos, direcionados a duas (2) professoras alfabetizadoras da Escola Pública Municipal de Ensino e duas (2) professoras da Rede Privada de Ensino do Município de Maracaju MS. Depois da entrevista realizada, os dados foram analisados de acordo com o referencial teórico.

Resultado e discussões

Realizou-se a entrevista - com auxílio de um questionário visando um melhor diálogo com as docentes - com duas professoras de escolas públicas cada uma com experiência de um ano na alfabetização, e duas professoras de escola privada com cinco e dez anos de experiência como alfabetizadoras, todas graduadas em Pedagogia.

Foram realizados alguns questionamentos sobre como foi o sentimento delas ao saberem do trabalho remoto, todas responderam que ficaram assustadas e em choque, pois se presencialmente o ensino já é difícil, remotamente ficou ainda mais complicado.

Interrogadas sobre a metodologia de ensino, as professoras de escola pública responderam que utilizavam material impresso que era disponibilizado quinzenalmente aos alunos e retirados da escola por seus familiares. Já as professoras das escolas privadas utilizaram meios de multimídia, gravando vídeos e enviando por *WhatsApp* e realizando aulas *online* através plataforma do *Google meet*.

Questionadas sobre quais os maiores desafios enfrentados no período pandêmico para alfabetizar as crianças e se houve essa aprendizagem, de modo geral responderam que o maior desafio foi a dificuldade do modo remoto, essa ausência do contato presencial e o comprometimento da família sobre seus filhos, e em decorrência desses desafios não houve aprendizagem para os alunos de escolas públicas, já para os de escolas privadas houve uma aprendizagem significativa.

Por fim, foram indagadas em relação aos reflexos que a pandemia trouxe para o processo de alfabetização e letramento, todas responderam que foram reflexos negativos, pois se utilizaram da questão da pandemia para justificar a falta de conhecimento do conteúdo, bem como uma extrema ansiedade e com muita dificuldade de socialização.

Por meio das análises das entrevistas realizadas com professoras de escolas públicas e escolas privadas, pode-se observar que o período pandêmico trouxe inúmeras implicações para a educação, especialmente para o nível de alfabetização e letramento. O modelo de aula remota era desconhecido e gerou incertezas sobre sua eficácia, porém

era o recurso disponível no momento e que poderia amenizar os efeitos catastróficos de um tempo incerto sem aulas. As aulas remotas geraram diversas reações entre alunos, professores e família, tanto que, todos tiveram que se adequar a essa nova modalidade do momento e, principalmente aprender a utilizar as ferramentas tecnológicas dispostas e necessárias para estas aulas.

Através da verificação das entrevistas pode-se perceber que tanto as escolas públicas quanto as escolas privadas tiveram grandes implicações quanto ao período pandêmico, tanto no que diz respeito ao pedagógico, como planejar e atribuir essas aulas, em como avaliar a aprendizagem dos alunos, quanto ao emocional e cognitivo. Os professores, em sua maioria mulheres, tendo que se desdobrarem entre essa rotina de aulas em casa, afazeres domésticos e cuidado com a família, resultando num estresse, com graves reflexos na saúde mental e física. Os alunos por sua vez, além de não ter a interação com os colegas e a mediação do professor, que faz parte da construção do conhecimento e convívio em sociedade, ainda precisavam ficar isolados de tudo, acarretando em sintomas de ansiedade.

Enquanto os professores se viram na necessidade de aprender novas metodologias para cumprir o currículo, aprendendo a utilizar ferramentas tecnológicas que ainda não eram usufruídas, as crianças juntamente com suas famílias estavam em um isolamento domiciliar tentando colaborar uns com os outros à medida do possível.

Entretanto, essa não era a realidade de todos, algumas crianças não tinham o apoio da família, uns porque o familiar continuou trabalhando, outros porque o familiar não tinha subsídios pedagógicos para auxiliar esta criança. Vale ressaltar, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas privadas, que esse período gerou, além do efeito negativo sobre o processo de alfabetização e letramento, alterações graves de comportamento e psicológicas, uma vez que, segundo relatos das professoras entrevistadas, as crianças voltaram para sala de aula extremamente ansiosas e em pânico, além do comportamento que não condiz com a sala de aula, isto é, não compreendem a rotina e horários das atividades escolares.

Importante comentar que as crianças de classe social inferior foram mais impactadas que as crianças de classe social mais confortável, pois as mais carentes a família não pôde usufruir do cuidado do isolamento porque tinham que trabalhar, caso não fossem não teriam o que comer, e também muitos não tinham sequer um celular e pacote de internet disponível para que essa criança pudesse receber e devolver as atividades. Enquanto as crianças de condição financeira mais confortável a família pôde desfrutar do privilégio de poder se resguardar da pandemia, pois não lhes faltaria o que comer por um período considerável, além de que essas crianças tinham a tecnologia que precisavam a disposição.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. & ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**; tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002, p.17-36.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Revista Brasileira de Educação**. 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdo da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Revista educação Santa Maria**, v. 32 - n. 01, p. 21-40, 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista> Acesso em: 21 ago. 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. Pandemia da COVID-19: trabalho em saúde docente. **UNIVERSIDADE e SOCIEDADE #67**, ANDES-SN Ano XXXI- janeiro de 2021.

FERRONATTO, Eliane Terezinha Tulio; SANTOS, Helen Thais dos. Bem-estar e o mal-estar docente: sentimentos e emoções de professores que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental em tempos de pandemia. **Revista Devir educação**, Lavras- MG. Edição Especial, p. 269-286, set./2021.